

Revista de Antropofagia

Direcção de ANTÓNIO DE ALCANTARA MACHADO

Gerência etc. de RAUL BOPP

Endereço: 13, RUA BENJAMIN CONSTANT — 3.º Pav. Sala 7 — CAIXA POSTAL N.º 1.269 — SÃO PAULO

A ENTRADA DOS MAMALUCOS

Pode-se negar poesia à *Iliada*. E' impossível negar a um anuário demográfico.

Há dias ando mergulhado no paulista de 1924. Produz os três efeitos do céu de Curitiba (na opinião da herma Alberto de Oliveira patinada a Negrita). E mais um. Faz cantar, orar, sonhar e ins-true. Entre outras cousas a gente fica sabendo que japonês não é atropelado, apendicite não mata negro, raio não gosta de mulher.

Então a parte dedicada aos casamentos (nupcialidade diz o anuário) é uma gostosura que só vendo. A estatística da Capital, Santos, Campinas e Ribeirão Preto constitue nêsse ponto um puro madrigal á morena desta terra de mais homens que mulheres.

Vão escutando. Em 1894 houve 456 casamentos entre brasileiros, 143 entre brasileiros e estrangeiras, 127 entre estrangeiros e brasileiras, 854 entre estrangeiros. O imigrante ainda andava arisco. Desgraçado. A parcela dos casamentos entre a gente de fora batia sozinha as três restantes somadas. E o brasileiro (engraçado) tinha medo que se pelava do juiz de paz.

Agora em 1924 o negócio mudou de uma vez: 4144 casamentos entre brasileiros, 627 de brasileiros com estrangeiras, 1311 de estrangeiros com brasileiras (estão vendo?), 1629 entre estrangeiros. O pessoal da estranja se atirou feio na prata da casa.

Mas êle é que é o comido. Antropofagia legítima. E para quando será o coroamento da rainha dos antropófagos?

ANTÓNIO DE ALCANTARA MACHADO

SUCCESSÃO DE SÃO PEDRO

— Seu vigário!

está aqui esta galinha gorda

que eu trouxe pro martir São Sebastião!

— Está falando com ele!

Está falando com ele!

(RECIFE)

ASCENSO FERREIRA

“O SOL ESTA’ NO OCCASO!!!”

LAURINDO RABELLO - O Genio e a Morte

ANTROPOFAGIA SÓ. NÃO. ORNITOFAGIA TAMBÉM.

A antropofagia venceu.
 Não ha restaurante que se prese que não faça
 figurar em seu menu a saborosa carne humana.
 O Matadouro Academia de Letras está deserto.
 Os academicos foram quasi todos devorados.
 E, para não haver falta de comida, arranjos
 um succedaneo á carne humana.
 Que seja, por exemplo, a ornitofagia.
 E a comida, que vinha pulando, virá voando.
 Vamos comer esse sabiá que canta nas palmeiras...
 Vamos comer as pombas do pombal...
 Vamos comer "Albatroz, Albatroz, aguia do
 oceano..."
 E viva a ornitofagia.
 Sabia, pomba, jurity, albatroz e tudo mais, só para
 comida.
 Para vôar ha o aeroplano...
 E para rei do oceano, chega Lindenberg, até o dia
 em que seja devorado tambem.

JÓÃO DO PRESENTE

JA' SAIRAM:

Macunaíma

de Mario de Andrade —

7\$000 — pedidos para rua Lopes Chaves
 n. 108 — SÃO PAULO

e

Laranja da China

de António de Alcântara Machado —

6\$000 — pedidos
 para Caixa Postal n. 1269 —

SÃO PAULO

AÇOUGUE

Aicântara:

Agora sou eu que venho fazer uma proposta a você — na qualidade de chefe antropofago que você é — da deglutição imediata de todo sujeito que faiar em brasilidade no Brasil. Principiando mesmo pelos amigos (quanta comida bôa desperdiçando aí em S. Paulo, hein?).

Pra inauguração do açougue o próprio Manuel Bandeira, apresentador da ótima carnadura Imbassai, carece ser — não digo comido porque assim perderíamos um dos nossos melhores comilões — porém mordido no cangote. E' uma "simpatia" canibai: sujeito mordido no cangote perde o geito de faiar da gente de sua tribu.

Pergunte ao sabio professor Laudelino Freire, da Revista da lingua portuguesa e comida aproveitavei até. Porém precisamos guarda-lo pra sexta feira da Paixão. Botaremos êle enfeitado de vermelho pro meio da rua (minas gerais) pra maior ecitação dos instintos devorativos — porquê peia abstinencia enorme da Quaresma carne de côbra toma gôsto de presunto.

Mas a melhor comida do mundo mesmo é a que te apresento hoje na pessoa do meu simpático Fabio Luz Pai. O meu amigo apesar de "critico" é bem facil de ser pêgo.

Ficha de entrada pros compartimentos do talho:

— maio de 1928, chegada.

— idade presumivel: 70 ânos. Possivei: 40 e tantos.

— côr: ?.

— obs.: não é muito gôrdo não, porém carne bôa e macia está ali.

Abaixo, carta de indentidade dêie apresentada por intermedio do Correio do Brasil de sete de maio de mil novecentos e vinte oito:

"A revivescencia de maus instinctos jacobinos; a hyperesthesia patriotica; a pretensão de crear uma literatura brasileira, inteiramente á parte, sem influencia estrangeira, sem relações com as literaturas de outros paizes: a tal brasilidade, não passam de volta ao antigo, modificação do indianismo que dominou o romanismo no Brasil. E' em tudo o balbucio infantil, eivado de todos os plebeismos em uso nas diversas regiões do paiz, com todos os erros grammaticaes commettidos pelas creanças.

"Timbram os futuristas — modernistas em ser imperfeitos e defectivos na expressão, imperfeitos e negativos nas concepções, sempre simplistas e muito menos interessantes do que os absurdos symbolistas, impressionistas e illuminados, pois são sempre mais infantis e nem sequer pretendem dar côr ás vogaes.

"Julgam sua arte (?) a maior expressão dos phenomenos sociaes — e talvez a tenham como função social. Mas tudo nelles é "passadismo"; nada innovaram, nem reformaram".

"Sua arte se caracterizará pelos assumptos nacionaes preferidos; porém não pela fórma barbara destes "poemas" (!) balbuciantes e pela prosa eivada de solecismos e barbarismos. O que vivifica é o espirito: a letra mata."

"O Brasil não pode fugir ao contacto dos povos mais civilizados e não pôde recusar a influencia das correntes literarias das outras terras." Etc.

Daqui a alguns ânos (antes que a gente comece a combater os brasiliistas — chefes disso que ninguém entende mas chama de brasilidade, como vai fataimente acontecer e não sei quem já lembrou isso até), é preciso não ezistir nem um desses idem entendidos pra remedio. E pra evitar trabalhos maiores precisamos desde já ir comendo essa gente toda, antes que ela nos devore.

Espere mais.

Curral cheinho que só vendo.

(CATAGUAZES)

ROSARIO FUSCO

CIDADE DO NATAL DO RIO GRANDE

LUIZ DA CAMARA CASCUDO

35000 patriotas. Fundada em 1599. Nasceu Cidade como filho de Rei é príncipe. Padroeira: Nossa Senhora da Apresentação que veio dentro dum caixote, lento e manso pelo rio. Seculo XVIII. Tem um rio e tem o mar. Campo da Latecoere. Tennis. Cinemas. Autos. Cinco pharmacias. Bispado. Dois jornaes diarios. As mulheres votam. O Presidente guia automoveis e viaja de avião. O secretario mais velho roda os quarenta annos. Sal de Macau. Algodão do Seridó.

Cêra de carnaúba. Couros. Assucar de quatro valles largos e verdes. Boiadao historico que em 1799 mandava deseis mil cabeças para Pernambuco. Instituto Historico. Escola Domestica numero um no Brasil. Aereo - Club - de - Natal com dois aviões e seis campos no sertão. Grupo-Escolar, grupo-escolar, grupo-escolar. Todo sertão se estorce no polvo das rodovias. O pneu amassa o chão vermelho dos comboios lerdos, langues, lindos. Poetas. Poetisas. Chronistas elegantes. Avenidas aberias para todos os ventos. Sem escuros. Nem buracões sorrentos de espantagury. Arvores aparadinhas estylo Nuremberg. Ruas calçadas, macias no escorrego das descidas. Raros-raros "mí dê umesmóla". Associações de caridade. Meia groza de grupos de Foot-Ball. Não ha Rotary-Club, nem Automovel-Club nem Street-Club. Radiomania.

— E' o que lhe digo. Péguei os discursos de propaganda do Hoover.

— O que está me dizendo?...

Morros, areias, orós, mangues, cirys e aratús grudados nas pedras. Pescaria em bote com terra encoberta. Tres botes destes foram ao Rio. Centros Operarios. Discursos relatórios. Bata-

lhão do Exercito. Item da Policia. Musica aos domingos nos jardins com auto-gyros perennes de soldados e creadas e vice-versa. Sorvete, pirolito, folhado. Uma livraria e duas casas de livros.

— Já chegou o ultimo livro de Ardel?

— Não senhora. Temos aqui agora o grande Marden.

Não ha revista nem Academia de Letras. Cidade pintada de sol com

Janeiro. Festa dos Santos-Reis. Congos com puitas e ganzás roucos e surdeadores.

"Acorda quem está dormindo na serena madrugada venhão ver o Rei de Congos general de nossa Armada"

Dezembro. Lapinhas e Pastoris com musicas de cem annos teimosos e recordadores.

"A remigio bate o gullo soltando a voz mavioza"

Bois. Bumba-Meu. Boi pedindo cinco dedós para riscar em papel aquellas toadas maravilhosas. Novembro. Festa da Padroeira. Irmandade dos Passos, solemmissima. Confederação Catholica. Escola de Commercio. Atheneu. Collegio Pedro II. Luar impassivelmente romantico. Serenatas. Violões gementes asanhando pruridos nostalgicos.

"Noites nunca hei de ter como já tive na escuridão polar de teu cabelo"

Bó-nito! Greg é frjo. Magestic, Anaximandro, Cova da Onça. Riscos de navalha rombuda.

— Nem me fale! Pois este Jorge não escreveu dizendo que

dava a certidão do nascimento de Dom Antonio Felipe Camarão por cinco mil pés de laranjas da Bahia?

Avenida Tavares de Lyra. Cafés prosa estirada á café manhoso.

— Gostei de seu artigo!

— Qual?...

— Homem, francamente... aquelle... eu sei que li... não estou bem lembrado... aquelle...

Bonds. Auto-Omnibus subindo. Prêgões. Para oeste olhos compridos namorando possibilidades de chuvecos. Por cima das casas zunzelam, ronronantes e zonzos, motores roncando no caminho sem rastos dos aviões.

(NATAL)



Desenho de ANTONIO GOMIDE — 1928

uma alegria de domingo. Jornaes do Rio. Política. Sympathias furiosas aos Prestes Julio e Luis Carlos.

— Você vai ver a saída de Minas...

— Nem pelége...

Noticias de trinta horas, via aza do Laté. Sabbados monotonos com cinza triste de nada — fazer. Feijoadas heroicas. Pescaria de cóvo. A' noite, pesca de aratú com facho, nas praias longes de Areia Preta. Cajueiros. Coqueiros. Mongubeiras. Bailes do Natal-Club. "E' favor entregar esta sobre-carta na entrada." "Toilette preta".

UM POETA E UM HISTORIADOR

Canto do Brasileiro Augusto Frederico Schmidt — Rio de Janeiro — 1928.

No principio parece uma reacção contra o nosso romantismo (ainda o de hoje):

Não quero mais o amor,
Nem mais quero cantar a minha terra.
Não quero mais o Brasil

Mas no meio de repente rebenta um ritmo com onze pés que até lembra Gonçalves Dias:

Depois no silencio da noite serena
Os homens pensavam nas lutas e guerras
Nas pescas e caças — que vida meu Deus!
Mas se tempestades tombavam medonhas
E raios riscavam o céu sempre azul
Que medos sombrios! Castigos medonhos!
Que medos tamanhos sentiam então!

E no fim é a contrição:
Meu Deus olhae para mim!
Meu Deus sou brasileiro!

E' brasileiro. Seu lirismo é balan-

çado e preguiçoso. E' brasileiro. Vai se entregando ao desánimo. Até o dia em que endireita a cabeça e faz discurso bonito e bravo. Depois bate no peito. Está entregue de novo. Mas agora na mão de Deus que também é brasileiro.

E que gostosura em tudo isso. E que cantador bom é Augusto Frederico I, o Brasileiro.

Poema bêbado. Culpa da cachaça nacional que a inteligência do poeta distilou.

LUIS DA CAMARA CASCUDO — López do Paraguay — Natal — 1927.

Luis da Camara Cascudo quiz também intervir nessa nova Guerra do Paraguai (como disse alguém) ora acesa pelos exumadores entusiastas de um caudilho que já não tinha bom cheiro em vida. E entrou na luta com muita lealdade e bastante clareza. Disse o que queria dizer. E o que disse está certo.

Esse negócio de andarem endeuzando López se explica muito facilmente. E' a eterna história. O sujeito é ruim, não presta, vive brigando com toda a gente, acorda e dorme fazendo mal. Mas morre. Pronto. Em volta do caixão começam logo os comentários:

não era tão mau assim, uma noite recolheu na casa dêle um cachorro doente, usava umas luvas tão bonitas e assim por diante. Depois quem é que não tem dó de um réu (ainda infame) quando responde a júri?

Em todo o caso não deixa de indignar a gente o facto de haver entre nós (sempre o maldito positivismo) quem para defender López procure diminuir o Brasil. O que o Império fez (exigindo a queda do caudilho como condição para a paz) agora em 1918 os aliados fizeram igualzinho. Veja-se o último capítulo do impressionante Guilherme II de Emil Ludwig. Principia assim: As cinco partes do mundo reclamavam o afastamento de um homem. Os próprios generais alemães (Hindenburg á frente) exigiam a abdicação do imperador por ser essa a única maneira de conseguir o armistício.

E ninguém gritou. Ninguém se lembrou de xingar a França ou a Inglaterra ou as cinco partes do mundo.

E' preciso notar ainda que contra López o Brasil não agia sozinho: eram três a guerrear o bicho.

Por tudo isso o depoimento de Luis da Camara Cascudo nêsse processo póstumo do paraguaio é dos que desafiavam qualquer contestação honesta.

A. DE A. M.

ESTÃO NO PRELO:

Odilon Negrão — Poracê Tinguireasca (versos) — Curitiba

Octavio de Sá Barreto — Festa de nervos (versos) — Curitiba

Manuelito Ornellas — Rodeio de estrellas (versos) — Curitiba

ESTA' A' VENDA:

Oswald de Andrade — A estrella de absintho (romance) — São Paulo

Empreza Graphica Ltda.

Todo e qualquer serviço concernente á arte graphica. Trabalho rapido e artistico. Impressão de livros, talões, revistas, facturas, prospectos, folhetos, cartões, etc. Especialidade em trichromias. PREÇOS MODICOS.

RUA SANTO ANTONIO, 19 — Telep. 2-6560

SÃO PAULO

ROMANCE DO VELUDO

MARIO DE ANDRADE

Não sou folclorista não. Me parece mesmo que não sou nada na questão dos limites individuais, nem poeta. Sou mas é um indivíduo que quando sinão quando imagina sobre si mesmo e repara no ser gosado, morto de curiosidade por tudo o que faz mundo. Curiosidade cheia daquela simpatia que o poeta chamou de "quasi amor". Isso me permite ser múltiplo e tenho até a impressão que: bom. Agora que principio examinar com o deficiente conhecimento meu, certos documentos folclóricos que arranjer, tenho mesmo

E a velhota desconfiada
De tão inocente santinha,
Resolveu ir vagarosa
Surpreende-la na cozinha.

(Refrão)

Ao chegar lá a velhota
Ficou toda admirada:
Nos braços do primo Joca
'Stava a moça recostada.

(Refrão)

Colhi este documento em Araraquara cantado por moças. Era coisa es-

ramente deformado e um refrão afro-brasileiro.

O texto é uma deformação de assunto europeu. A ideia de, se aproveitando dos fenômenos da natureza ou da vida, iludir na resposta a uma pergunta que desconfia dos nossos amores se satisfazendo, é antigüíssima. Sei que vai pelo menos até a Idade Média. E se espalha tanto que a encontramos na Escandinávia, na Bretanha, na Itália, no sul da França, na Catalunha.

Em França temos as admiráveis ré-

Romance

M. 6=69

-Na-timbaquestis fazendo ba-lada ahi na co-zinha? -'Stou fonda a agua no fogo pra ca-fé, minha avozinha. -'E zinha é viva-qui todo sarapantado como gambá que caiu no melado! E vivo aqui todo sarapantado como gambá que caiu no melado!

que afirmar estas coisas verdadeiras. Não é humildade protocolar não. São coisas verdadeiras. Provam meu respeito pela sabença alheia e afirmam meus direitos de liberdade.

Eis o Romance do Veludo:

— Netinha, que estás fazendo
Calada aí na cozinha?
— Estou pondo agua no fogo
Pra café, minha avozinha.
— E vivo aqui todo sarapantado
Como gambá que caiu no melado...

— Netinha, tu deste um beijo
Ou eu estar enganada?
— Vozinha, é o estalo da lenha
Que está no fogo molhada.
(Refrão)

— Netinha, tu não me negues,
Com quem estás conversando?
— Vozinha, é a chaleira
Que está no fogo chiando.
(Refrão)

— Netinha, que modo é esse!
Responde-me assim brejeira?
— Vozinha, eu me queimei, aí!
Nesta maldita chaleira.
(Refrão)

cutada na infancia, da boca dum palhaço preto que ás vezes portava na cidade. Como chamava o palhaço não sabiam. Cresceram e nunca mais que o viram. De certo morreu.

Falo "de certo" porque é muito possível que se trate do famoso palhaço Veludo. Si é o mesmo devia de estar velhusco pelo menos, quando as moças o escutaram nos primeiros anos deste seculo. Porque indagando indagando, sube que bcm na Monarquia andou pelo estado um palhaço preto cantador, equilibrista, saltador, um faz-tudo muito apreciado, se chamando Veludo. Pelo menos é certo que este conhecia o refrão do Romance e o cantava no lundú bem espalhado, de que falarei no proximo número da Antropofagia. Ora como este lundú, tratando da vida do escravo, já não podia interessar muito os frequentadores de circo do seculo vinte, muito possível que Veludo o tenha abandonado, intrometendo o refrão dele noutra cantiga se prestando a isso.

Mas do Veludo ou de outro palhaço preto, o Romance continua um documento literario-musical interessante do nosso populario. Se ajuntaram nele um texto tradicional português iateiplicas de Marion (H. Møller, "Fran-

zôische Volkslieder" ed. Schott, n.º 555) principiando assim:

— Qu'allais-tu faire à la fontaine?
Corbleu, Marion!
— J'étais allé' querir de Peau,
Mon Dieu, mon ami!
— Mais qu'est-ce donc qui te parlait?
Corbleu, Marion!
— C'était la fille à not'voisine,
Mon Dieu, mon ami!
(etc.)

Um texto catalão (Grove's Dictionary) principia assim:

— Mare mia, mare mia, sento gran ruidó.
— Ne son las cambreras que salten y riuhen (etc.)

Em Portugal a ideia aparece algumas feitas. Na "Dona Aldonça" (Th. Braga, "Romanceiro Geral Português" 2.ª ed. vol. I, pg. 389) a criança de pecado é disfarçada assim:

— Aí, dize-me, oh Valdivinos,
Que levas na aba da capa?
— Amendoas verdes, meu tió,
Desejo de uma pejada. (etc.)

(Cont. na p. 6)

ORAÇÃO AO NEGRINHO DO PASTOREIO

(PORTO-ALEGRE)

AUGUSTO MEYER

Negrinho do Pastoreio,
venho accender a velinha
que palpita em teu louvor.

A luz da vela me mostre
os caminhos do meu amor.

A luz da vela me mostre
onde está Nosso Senhor.

Eu quero ver outra luz
na luz da vela, Negrinho,
clarão santo, clarão grande
como a verdade e o caminho
na falação de Jesus.

Negrinho do Pastoreio,
diz que Você acha tudo
si a gente accender um lume
de velinha em seu louvor.

Vou levando esta luzinha
treme-treme, protegida
contra o vento, contra a noite...
E' uma esperança queimando
na palma da minha mão.

Que não se apague este lume!

Ha sempre um novo clarão.
Quem espera acha o caminho
pela voz do coração.

Eu quero achar-me, Negrinho!
(Diz que Você acha tudo.)
Ando tão longe, perdido...
Eu quero achar-me Negrinho:
a luz da vela me mostre
o caminho do meu amor.

Negrinho, Você que achou
pela mão da sua Madrinha
os trinta tordilhos negros
e varou a noite toda
de vela accessa na mão,
(piava a coruja rouca
no arrepio da escuridão,
manhãzinha, a estrellá d'alva
na voz do gallo cantava,
mas quando a vela pingava,
cada pingo era um clarão)
Negrinho, Você que achou,
me leve á estrada batida
que vae dar no coração.

(Ah! os caminhos da vida
ninguem sabe onde é que estão.)

Negrinho, Você que foi
amarrado num palanque,
rebenqueado a sangue pelo
rebenque do seu patrão,
e depois foi enterrado
na cova de um formigueiro
pra ser comido inteirinho
sem a luz da extrema-uncção,
se levantou saradinho,
se levantou inteirinho!
Seu riso ficou mais branco
de enxergar Nossa Senhora
com seu Filho pela mão!

Negrinho santo, Negrinho,
Negrinho do Pastoreio,
Você me ensine o caminho
pra chegar á devoção,
pra sangrar na Cruz bem dita
pelos cravos da Paixão.

Negrinho santo, Negrinho,
quero aprender a não ser!
Quero ser como a semente
na falação de Jesus,
semente que só vivia
e dava fruto enterrada,
apodrecendo no chão!

ROMANCE DO VELUDO

(Cont. da pag. 5)

A ideia volta no romance do Frei João. Na versão de Pedro F. Tomás ("Velhas Canções e Romances Populares", Coimbra, 1913, pg. 51) a mulher secunda pro amante que não pode abrir a porta porquê tem "o menino ao colo" e o "marido á ilharga". Este acorda porém e o texto corre:

— Quem é esse, mulher minha,
A quem da-las tuas falas?
— E' a moça a perguntar
Si cozia si amassava. (etc.)

Frei João infelizmente veio namorar também as cunhas do Brasil. A intimidade foi tamanha que elas até botaram nele o diminutivo dengoso de Frei Joanico, numa das versões que Pereira da Costa dá no "Folclore Pernambucano". (pg. 326).

O mais desagradavel pra mim é que não acho nos meus livros o romance portugua donde saiu o do Veludo. Deixo isso pra quem tiver mais livros e mais conhecimentos. Na certa que existe lá pois que Eugenio de Castro o parafraseou lindamente do Romance que vem em "Silva":

— Quem é que anda abrindo portas,
Filha, aqui ao pé de mim?
— Senhora mãe, é o vento
Que abre as portas do jardim. (etc.)

Entre os cleftas porém (Canti Popolari Greci, N. Tommaseo, ed Sandron, pg. 123) a "Maria", violenta como era justo que fosse entre aqueles cangaço, se aproxima bem do nosso romance:

— Maria, ch'ha egli il tuo letto che
schianta come canna?
— Mamma, una pulce m'ha morso al
capezzolo della zinna.
— Matta, pulce non era, ma gli era un
giovanetto,
Era il giovane che t'ama, il giovane
che ti piglierá.
— Mamma, non immalizire; mamma,
noi prenderé a male:
Il giovane che me ama, é lontano in
terra straniera.

Quanto á música o Romance do Veludo é na estrofe um documento luso-brasileiro com base ritmica e melódica na habanera e no refrão é tradicionalmente reconhecido como afrobrasileiro. E' delicioso. E heu familiar pros que sabem um bocado a música... brasileira do seculo dezenove.

A primeira frase da estrofe é curiosa. Possui um salto de quarta justa difficil de entoar. O natural era a terça menor pulando pro sol. De fato: Um dos temas espanhois empregados por E. Lalo na "Sinfonia Espanhola" (1875) principia por uma frase que é exatamente a do nosso Romance como arabesco melódico. Também a frase inicial na estrofe do "Balancé" português, repete sem arsis o mesmo desenho. Ambos os documentos trazem o salto de terça menor porém. O fato é que as moças cantavam a quarta justa e essa difficuldade rebuscada que não sei, nem elas, si era do Veludo ou delas, apesar da tendencia natural do povo pra facilitar as coisas, concorda curiosamente com a melódica brasileira das modinhas, tão torturada no geral.

Quanto á tercina que aparece no

12.º compasso, é realisada com um apressando, característico da música popular brasileira. O tempo fica na realidade diminuído da semicolcheia que devia de estar logicamente no 1.º som dele pra que o motivo ritmico do tempo anterior se repetisse. Esse apressando é um dos tiques curiosos e sistematicos do nosso populario e ocorre até em danças. E' uma subtiliza rica da nossa música e proveio naturalmente do cacoete popular que, facilitado pela ignorancia, leva os cantadores a diminuir o valor dos sons compridos difficéis de sustentar. Sistematisado no Brasil em elemento expressivo e corrente, de certo foi a causa das antecipações sincopadas nos finais de frase, coisa vulgarissima (cocos, martelos, emboladas, maxixes, sambas) e também occorrente nos "Spirituais" e peças de jazz afro-ianques. De fato: depois do apressando as moças faziam uma paradinha no ré imediato, de maneira que o movimento, prejudicado um instante, se normalizava outra vez.

O Romance do Veludo é um documento curioso da nossa mixórdia etnica. Quer como literatura quer como música, dançam nele portugues, africanos, espanhois e já brasileiros, se amodando com as circunstancias do Brasil. Gosto muito d'esses coctells. Por mais forte e indigesta que seja a mistura, os elementos que entram nela afinal são todos irumoguaras e a droga é bem digerida pelo estomago brasileiro, acostumado com os chinfrins da pimenta, do tutú, do dendê, da caninha e outros palimpsestos que escondem a moleza nossa. Esta imagem saiu completamente pretenciosa.

OS TRES SARGENTOS

(Episodio da revolução de 1924 em S. Paulo)

CAPITULO 1.º

YAN DE ALMEIDA PRADO

O JARDIM PUBLICO

II

Algumas das mulheres provinham do Norte, de Pernambuco, Paraíba, e mais longe, desde o Ceará até o Maranhão. De certo ponto em diante escasseavam as negras. As poucas que aí restavam si viessem a S. Paulo encontrariam os parentes que no fim do Imperio os cearenses tinham vendido aos paulistas. Inversamente eram numerosas na Baía e Estados vizinhos, onde não existe morféa e os traços das pretinhas são delicados. Do Ceará havia o tipo branco puro, o caboclo de cabeça redonda e nuca chata, e o índio. Nos Estados immediatos pouco variava o caldeamento das duas raças, quasi não havia intervenção de terceira. Mais ao Norte ficavam os mestiços do índio, mais a Leste os do negro, em ambos se juntava o branco.

Algumas das raparigas tinham ido a pé do sertão natal á séde do Estado, de onde seguiam por mar ao Rio de Janeiro e daí eram atraídas pelas diversas cidades do Estado de S. Paulo em que o súbito afluxo de homens determinava falta de mulheres. A maior escala no percurso era feita na rua da Cruz Branca, em seguimento da rua Martim Affonso, em Santos, que tinha sinificação de despedida da marinagem. O adeus por vezes custava, porque vinha de longe o convívio, desde o embarque no Ceará, Cabedelo, Recife, Maceió, Baía, que insensivelmente as tinha familiarizado com os marítimos da viagem e dos portos.

Nem todas, depois de estarem em S. Paulo, frequentavam o Jardim Publico. Algumas só raramente lá iam, transpondo os portões quando impedidas por curiosidade ou ciúmes; porém estas eram as mais apegadas aos fusos de sanfona, violão, cachaca e soldados.

As raparigas claras tinham vindo dos grandes centros, ou das aldeias europeas do Sul do paiz, do Paraná, de S. Catarina, do Rio Grande. Em-

barcavam com as familias em Porto Alegre, Itajaí, S. Francisco, Florianópolis, Paranaguá, destinando-se ao emprego nas casas burguezas da cidade. Formavam a camada superior do mulherio, em virtude do seu estado de civilização mais adeantado e tambem porque rapariga branca e nova era título de ufania para o amasio. Havia algumas que usavam chapéu nos bailes dominicaes do Jardim de Aclimação: eram as que vinham dos grandes centros. As outras, mais modestas, que mal sabiam portuguez, não perdiam a musica do Jardim Publico; eram as descendentes de polonezes, alemães e vênnetos, que no Sul vivem insulados entre si como os antigos aborígenes do lugar. Apesar de duplamente privilegiadas, as primeiras prezavam militares, sem excepção de mulatos e negros. Em compensação, homens ruivos, agigantados, com catinga peor do que a dos pretos, falando linguas arrevezadas, percorriam o Jardim atraz de crioulas. Eram os maiores rivaes das praças de pré, com que os quartéis vizinhos abasteciam o o lugar de caçadores de mulheres.

Na multidão a passear á roda do coreto, viam-se amostras de todas as nacionalidades do mundo que em proporção crescente tinham afluído á cidade depois da grande guerra, alemães enxotados pela occupação militar do Ruhr, imigrantes menos desejaveis, russos do exercito branco de Wrangel, aportados após sofrerem tifo na Criméa, colera em Constantinopla, finalmente em Santos, daí seguindo para a Noroeste do Estado onde se iam tornar maleitosos. Tambem daí chegavam aos milharcs na esteira dos russos, os antigos protegidos gente dos Balkans e adjacencias, rumenos com trajos bordados e perfis angulosos, servios, croatas, bulgaros, gregos, acompanhados dos antigos opressores, turcos, austriacos, dalmatas, ungaros de cabeça rapada e bigode á Carlito. To-

dos trilhavam o mesmo caminho para o Interior, depois vinham ter de volta á cidade, sendo substituidos na roça pelos brasileiros que chegavam dos outros Estados. Era um vae e vem continuo, sempre repetido, sem parar sem descanso.

O Jardim ás quintas e domingos quando tocava a banda, era o ponto preferido por aquela multidão para espairecer. Enchiam-se as alamedas com os moradores dos bairros operarios, letões, norte-americanos, centro-americanos, platinos, que se acotovelavam com raças indefiniveis, judeus da Alsacia, Transilvania, Posnania, Galicia, Síria, Palestina. Havia raças turbulentas, montanhezes albaneses, montenegrinos, bessarabios, persas. Havia tambem raças que ainda estão escravizadas, libanezes, armenios, vilenenses, tirolezes, que no parque se divertiam em definitivo socego. O mesmo faziam trãnsfugas do proximo e longinquo oriente, fugidos de regiões onde ainda existem parias.

Alí o brasileiro nem sempre é maioria e o paulista é raridade.

Entre a gente de côr que passeava havia muitos vindo de longe, pretos de Barbados, mulatos perigosos de Cabo Verde, indús dos grandes portos da India Inglesa, africanos que viajam pelos mares nas carvoarias dos navios.

Os que tinham chegado por ultimo, se misturavam sem se mesclarem com estrangeiros aclimados, os de todas as provincias da Italia, Portugal e da Espanha, já confundidos com o lugar. Reprovavam os mais antigos a vinda dos outros, sentiam-se espoliados, e o mosaico que todos perfaziam sob as arvores parte nacionaes parte exóticas do Jardim, refletia na noite morna toda a ambição, cobiça e miséria da Terra.

(Continua)

BRASILIANA

IV

CATECÚMENOS

Annúncio publicado no Estado de S. Paulo, n. de 24-6-28:
 "Em S. José do Alegre, districto do Município de Pedra Branca, Sul do Estado de Minas Geraes, logar aprazível, tendo um clima optimo, com excellente agua potavel, boa iluminação electrica, pharmacia, casa parochial, povo civilisado e ordeiro, precisa-se de um padre, havendo para esse f.m ordem de sua Reverendissima o Sr. Bispo de Campanha.

Além de todas essas commodidades, o padre que desejar vir para essa terra, terá uma subvenção por parte dos seus parochianos.

As demais informações devem ser pedidas ao Sr. Cel. Deolindo Daniel de Carvalho, que também fará todas as despesas de viagem e mesmo as de regresso, caso o vigário não deseje permanecer no logar."

VOCAÇÃO HEREDITÁRIA

De um artigo da Gazeta dos Tribunaes do Rio de Janeiro, n. de 5-6-28:

"Filho de um grande medico, a ninguém surpreendeu os pendores que bem cedo o dr. Pedro Paulo revelou pela nobre profissão paterna. Dir-se-ia que sugára, ainda no berço, com o leite materno, o entranhado amor a esse incomparavel sacerdocio que tanto havia de nobilitar e engrandecer."

SOCIOLOGIA

De um discurso do dr. Granadeiro Junior proferido na Escola de Comércio de Taubaté (Est. de S. Paulo) em 1926:

"Fazendo praça de faculdades aprehensoras, que só o estudo meticoloso da Biologia, como cupola dos conhecimentos nos outorga, não é sem desgosto que assisto ao seu transporte para o dominio das sciencias transcendentaes. Não é sem um protesto que ouço a impropriedade da phrase: o individuo é cellula no organismo social. Nada mais improprio como alcance; 1.º) porque o individuo, no caso, é "Homo sapiens" e este é um aggregado de individuos que são as cellulas; "porção autonoma de protoplasma"; — 2.º) porque si a referencia se fizesse á cellula, a sociedade seria o individuo. Admitto que esteja eu em erro, mas, convenio que sou desassombrado confessando a feição da minha visão, e, talvez por ser visão um substantivo feminino, é quasi certo se deleitará em alterar o visado para seu eterno sentimento: — a contradicção."

ORADOR EM MEDICINA

Trecho final de um discurso do dr. Abreu Fialho, director da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, publicado na Folha Academica de 16-2-28:

"No salgueiro que lhe ha de cobrir a quieta pousada pendurarei a minha regaçada de roxiscuras saudades, e diante da sua tumba pedirei a Deus que vele pela sua alma e o tenha em paz e réquie!"

SOCIEDADE

Da Gazeta do Sergipe, de Aracaju', n. de 12-7-28:

"MADAME BRANDÃO — Deu-nos hontem o prazer de sua visita a exma. Madame Brandão, cartomante, presentemente nesta capital no exercicio da sua profissão.

Agradecendo a visita da distincta senhora, desejamos-lhe feliz permanencia nesta capital."

BALCÃO

LIVROS A' VENDA :

Na LIVRARIA UNIVERSAL (r. 15 de novembro n. 19 — S. Paulo):

— S. Leopoldo — *Provincia de S. Pedro do Rio Grande do Sul* — 2.ª ed.
 — Monteiro Baena — *Compendio* — Pará.

Na LIVRARIA GAZEAU (praça da Sé n. 40 — S. Paulo):

— *Archivo Pittoresco* — 11 vs. enc.
 — *Panorama* — 17 vs. enc.
 — *Lusiadas* — coment. por Faria e Sousa.
 — Vieira — *Sermões* — 16 vs. enc., sendo alguns em 1.ª ed.
 — Innocencio F. da Silva — *Diccionario Bibliographico* — 19 vs. enc.
 — F. Manoel de Mello — *Epanaphoras de Varia Historia* — 1660.
 — Fr. B. Brandão — *Monarquia Lusitana*.

LIVROS PROCURADOS:

Pela LIVRARIA UNIVERSAL:

— Roquette Pinto — *Rondonia*.
 — Ruy Barbosa — *Replica*.
 — Oliveira Lima — *D. João VI no Brasil* — 2 vs.
 — *Revista do Instituto Historico Brasileiro* — tomos ns. 20, 21, 22 e 32.

Por YAN DE ALMEIDA PRADO (av. brig. Luis Antonio n. 188 — S. Paulo):

— Manoel Calado — *Valeroso Lucideno*.
 — Duarte de Albuquerque Coelho — *Memoarias Diarias*.
 — Alvarenga Peixoto — *Obras* em 1.ª ed.

Assinatura anual

da

REVISTA DE ANTROPOFAGIA

custa

RS. 5\$000

Pedidos acompanhados de vale postal

para

Caixa do Correio n. 1269

SÃO PAULO